

A QUESTÃO DO SACRIFÍCIO EM FEUERBACH: Materialismo e fisiologias

Rafel Eros Oliveira Rocha

Mestrando em Filosofia. Universidade Estadual do Vale do Aracajú. Aracajú, CE, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-6335-6303>.

Resumo: O artigo aqui exposto visa aclarar e estender a discussão proposta por Ludwig Feuerbach em sua obra *O mistério do sacrifício ou O homem é o que come* (1862). Duas questões norteiam e dividem os tópicos deste trabalho: 1. Qual o verdadeiro significado do sacrifício de comida e bebida; 2. Qual a distinção entre o sacrifício feito por pagãos e o feito por cristãos. A solução para ambas as questões se encontram no escrito supracitado e em demais textos de Feuerbach como seus *Pensamentos sobre morte e imortalidade* (1830) e sua *Essência do cristianismo* (1841). Assim é possível demonstrar como o aspecto materialista-fisiológico feuerbachiano traduz o problema religioso do rito sacrificial para a linguagem antropológica ao pôr a própria materialidade como solução para os mistérios da fé.

Palavras-chave: Sacrifício. Alimentação. Fisiologia.

Abstract: El artículo que aquí se presenta pretende aclarar y ampliar la discusión propuesta por Ludwig Feuerbach en su obra *El misterio del sacrificio o El hombre es lo que come* (1862). Dos preguntas guían y dividen los temas de este trabajo: 1. ¿Cuál es el verdadero significado del sacrificio de comida y bebida? 2. ¿Cuál es la distinción entre el sacrificio hecho por los paganos y el hecho por los cristianos? La solución a ambas cuestiones puede encontrarse en el citado escrito y en otros textos de Feuerbach como sus *Pensamientos sobre la muerte y la inmortalidad* (1830) y su *Esencia del cristianismo* (1841). Así, es posible demostrar cómo el aspecto materialista-fisiológico feuerbachiano traduce el problema religioso del rito del sacrificio al lenguaje antropológico, situando la materialidad misma como una solución a los misterios de la fe.

Keywords: Sacrificio. Alimentación. Fisiología.

INTRODUÇÃO

Marcada essencialmente pela análise materialista do fenômeno religioso, a obra do filósofo alemão Ludwig Feuerbach (1804 – 1872) traz consigo uma gama de apontamentos que deságuam na construção de uma filosofia encarnada que tem por foco a relação entre o homem e a própria realidade material que o cerca, portanto, uma filosofia que põe o indivíduo como um ser integrado à natureza. Deste modo, o autor distancia-se de um idealismo sacral para assim estruturar o desvelamento do fenômeno religioso à luz de uma antropologia filosófica que se alia a um materialismo fisiológico.

O texto, *O mistério do sacrifício ou o homem é o que come* (1862), foi escrito como uma resposta ao tumulto desencadeado após a utilização da frase “o homem é o que come” em uma resenha intitulada *As ciências naturais e a revolução* (1850) escrita por Feuerbach para o livro *Doutrina da alimentação para o povo* (1850) de Jacob Moleschott (1822 – 1893)¹. Nas poucas páginas do texto de 1862, o autor nos apresenta uma densa análise da ritualística sacrificial e de seu significado no seio da religião. Tomado de um ânimo ocasionado pelo burburinho, Feuerbach decide desdobrar este “breve jogo de palavras” (Feuerbach, 2022, p. 01)² em um escrito de maior abrangência, fazendo do “objeto da gastrologia (teoria do estômago, do paladar) no objeto da teologia, e na contramão, o objeto da teologia em um objeto da gastrologia” (Feuerbach, 2022, p.01) para assim por luz nas discussões acerca do sacrifício religioso de comida e bebida.

A chave para a compreensão de *O mistério do sacrifício* repousa exatamente no aspecto fisiológico da filosofia feuerbachiana que, apesar de recorrente na totalidade de sua obra, ganha exímio destaque neste escrito e nos acompanhará em toda a discussão que teceremos adiante. Para tornar possível uma filosofia pautada no homem é preciso estabelecer também uma análise da fisiologia humana e debruçarmo-nos naquilo que designa as necessidades naturais do corpo, afinal, a dimensão corporal é a estrutura essencial para a construção do pensamento e nesse sentido o bom funcionamento do corpo determina também o bom funcionamento da mente, ou, do “mais importante órgão do homem, o órgão pensante” (Feuerbach, 2005, p. 34). Buscarei, portanto, elucidar a questão do sacrifício religioso discutida por Feuerbach através de dois tópicos: 1. O verdadeiro sentido por trás do ritual de sacrifício; 2. A distinção entre o sacrifício pagão e o sacrifício cristão.

¹ Moleschott tem contato com Feuerbach ao assistir às exposições que seriam posteriormente publicadas com o título de Preleções sobre a essência da religião (1851), após este primeiro contato, ambos passam a se admirar mutuamente, “Feuerbach vê em Moleschott uma confirmação científica de sua posição filosófica juvenil enquanto Moleschott ganha um defensor filosófico de vanguarda para sua obra” (Hymers, J. 2006 p. 02).

² Em alemão a frase “o homem é o que come” é escrita como “der mensch ist was er isst”, Feuerbach utiliza-se de um trocadilho com as palavras *ist* (ser) e *isst* (comer).

1. O VERDADEIRO SENTIDO POR TRÁS DO SACRIFÍCIO DE COMIDA E BEBIDA

Como afirmar com precisão o verdadeiro significado de um rito cuja origem data dos mais remotos tempos? E para além da barreira temporal há que se considerar ainda os distintos modos nos quais o sacrifício revelou-se dentre as mais diversas civilizações ao redor do mundo³. Tudo isso dificulta a identificação de um sentido uno que determine precisamente o verdadeiro significado para a ritualística sacrificial. Feuerbach utiliza em sua análise elementos puramente antropológicos para estabelecer com precisão as marcas históricas e sociais destes rituais e assim identificar a lógica por trás deste elemento religioso e do comportamento de seus participantes.

A busca pela substituição de um saber pautado em aspectos teológicos por um que baseia-se puramente em uma estrutura antropológica é a principal missão de Feuerbach com sua crítica à religião, o autor assume o misticismo religioso como manifestação da própria existência humana e nesse sentido estabelece uma filosofia que se distancia do caráter antinatural teológico. *O mistério do sacrifício ou o homem é o que come* apresenta o aspecto materialista da filosofia feuerbachiana que caminha por uma senda cada vez mais fisiológica ao assumir as necessidades corporais como objeto de sua análise bem como componentes de sua proposta filosófica. Toma-se o homem como criatura determinada no espaço e no tempo, presa à natureza verdadeira e, exatamente por isso, o autor rejeita a projeção do homem para além de sua verdadeira existência. Em sua *Essência do cristianismo* (1841) o autor já haveria de distinguir o humano dos demais animais ao apontar que “os animais não têm religião” (Feuerbach, 2018, p. 09), portanto, não externam sua essência, sua existência é encerrada em si mesma. Do contrário, o homem, através do fenômeno religioso, estranha a sua essência negando o seu ser genérico ao alocar as características da humanidade em uma entidade supranatural. O trabalho da obra feuerbachiana de 1841 é, portanto, restituir a essência do homem encerrando-a no próprio sujeito, sem transpor a materialidade.

Retomemos então o texto inicial, *O mistério do Sacrifício ou o Homem é o que Come*, para assim dar solução ao questionamento posto pelo autor acerca do sentido no ritual sacrificial. Feuerbach em um primeiro momento põe o sentido do sacrifício na relação entre o humano e o divino, afinal, a religião afirma-se na distinção entre deuses e homens, é da natureza do divino diferenciar-se do homem, caso contrário, se na religião ambos equivalessem, não haveria

³ O ritual de sacrifício fez-se presente em inúmeros cultos religiosos espalhados pelo mundo, em seu *Mistério do Sacrifício*, Feuerbach refere-se, por exemplo, aos gregos, judeus, indianos, parses, poloneses, prussianos, árabes e egípcios como alguns dos povos que realizavam o sacrifício alimentar. Com isso o autor visa expor a constância deste rito nas diversas manifestações religiosas ao redor do mundo assim como demonstrar a distinção nas formas de execução e no objeto sacrificado bem como a proximidade em seus objetivos.

necessidade para a crença. Contudo, a distinção entre deuses e homens não significa exatamente o completo distanciamento entre estes, na verdade, esta relação é um aspecto essencial da religião em sua totalidade, nas mais distintas culturas temos exemplos de vínculos de proximidade entre o divino e os mortais, afinal, de forma corpórea ou incorpórea, deuses costumeiramente apareciam aos homens nos mais distintos lugares. O sacrifício é, portanto, um fenômeno correlato às manifestações do divino e faz-se presente, em maior ou menor grau, em cada uma das aparições religiosas ao redor do mundo.

Homero narra, tanto em sua *Ilíada* quanto em sua *Odisseia*, distintas ocasiões onde deuses e homens celebram conjuntamente em grandes festejos acompanhados de comidas diversas e de bebidas. Contudo, apesar de unidos no ritual de sacrifício, os deuses gregos não comem a comida dos homens, estes comem a comida dos deuses, “ambrósia, ou seja, a comida dos imortais” (Feuerbach, 2022, p. 02), entende-se então que os deuses somente são deuses por consumirem a comida dos imortais, do contrário, o homem come “o que é terreno, aquilo que não é ambrósia, aquilo que é mortal, por isso ele é um homem, um mortal” (Feuerbach, 2022, p. 02). A comida é o que nos determina, “alimentamo-nos, logo somos” (Tomasoni, 2021 p. 02), pois, a necessidade pela comida dos mortais pressupõe também a mortalidade, assim como a ânsia pela comida dos imortais pressupõe a imortalidade própria ao divino.

Entende-se a alimentação como atividade intrínseca à existência, é exatamente a identificação entre ser e comer que fez com que as antigas civilizações entendessem que “se os deuses existem, estes precisam alimentar-se” (Tomasoni, 2021, p. 2) e, neste caso resta aqui esclarecer de que modo haveriam os deuses de consumir os alimentos que lhes eram sacrificados. A solução encontrada por Feuerbach para este problema repousa na não-naturalidade do divino, os deuses alimentam-se apenas de forma simbólica, de modo a representar o ato de consumir, porém, o alimento entregue aos deuses é devorado somente pela natureza. “A honra do desfrute da comida e bebida”, afirma Feuerbach (2022, p. 05), “pertence aos deuses, mas, o cansaço relacionado a estas, [...] as dores e as necessidades pertencem unicamente aos homens”. Deuses não tem em seu íntimo os sentidos naturais, portanto, as necessidades fisiológicas restringem-se unicamente aos que sacrificam, estes sentem fome e buscam libertar este desejo na celebração do sacrifício, alimentam-se pensando em alimentar aquilo que não encontra no alimento algo necessário à sua existência. Sacrifica-se pensando na comida, naquilo que é natural e que se distancia do fenômeno místico religioso.

Dentre os gregos distinguem-se ainda alimentos específicos destinados a cada divindade:

[...] Pausânias afirma que Hera popularizou-se entre os Espartanos como *Aigophaga*, comedora de cabras porque os gregos sacrificavam cabras em sua

A QUESTÃO DO SACRIFÍCIO EM FEUERBACH: MATERIALISMO E FISILOGIA

honra; de acordo com Hesíquio, Ártemis, em Samos, era chamada de *Kaprophaga*, comedora de ursos; Ateneu afirma que Apolo era referido como comedor de peixes, *Opsophagos* provavelmente pelos sacrifícios de peixes; Baco, segundo Plutarco, era chamado de *Omestes*, ou *Omophagos*, ou seja, comedor de carne crua, devido às celebrações nas quais, carne crua e, provavelmente, até carne humana era sacrificada e consumida, possivelmente como uma recordação da crieza religiosa originária dos humanos; Zeus referia-se a si mesmo como *Eilapinastes*, o que aprecia as celebrações com sacrifícios (Feuerbach, 2022, p. 06).

Tudo isso nos revela um aspecto indissociável ao rito sacrificial: a comida. Se para Feuerbach o segredo da religião repousa na natureza do próprio homem então não haveria de diferir para a verdade do sacrifício, o autor assume os elementos naturais próprios à existência no objeto de sua análise da religião. O homem religioso diviniza o mundo ao seu redor, transforma o banal em divino e, nesse sentido, o alimento passa de elemento comum à vida para algo sagrado, destinado ao uso ritualístico. Feuerbach retira a carga simbólica do ritual para apontar o verdadeiro significado desta cerimônia na matéria fisiológica.

Do ponto de vista do autor, a alimentação atua como instrumento para a comunhão entre o humano e o divino, portanto, para aqueles que dedicam alimentos aos deuses, os “sacrifícios devem a sua dignidade e seu significado cultural, religioso e teológico originalmente apenas aos seus efeitos e significados reais, fisiológicos e antropológicos” (Feuerbach, 2022, p. 07). O sentido fisiológico prevalece frente ao sentido simbólico-religioso, transformando o alimento no próprio sentido por trás do sacrifício, sacrifica-se para alimentar e alimenta-se por meio da comida. Conclui-se então que a forma pouco importa, o sentido do sacrifício é sempre único, independente se “voluntariamente ou involuntariamente, vivo ou morto, inteiro ou em pedaços, assado em um espeto ou cozido em uma panela, se cozidos ou crus, as vítimas eram sacrificadas para honrar os deuses” (Feuerbach, 2022, p. 08), afinal, “sacrificar significa alimentar os deuses” (Feuerbach, 2022, p. 08). Percebe-se, portanto, a comida e, conseqüentemente, o ato de consumir o alimento como o grande foco no ritual. O autor desdobra o objeto religioso em mero objeto da fisiologia humana traduzindo o que antes percebia-se como necessidade do espiritual em necessidade corporal.

Se o segredo do sacrifício traduz-se na comida há que se tratar também daquilo que adorna, dá sabor e sentido a ela, o sal:

[...] a comida sem sal é uma comida sem sabor, sem sentido e, na verdade, o significado e o cerne do sacrifício é a comida. Os sacrifícios são banquetes comuns aos deuses e aos homens; mas, servir comida sem sal para uma visita significa servir-lhe o desprezo no lugar da honra, ódio no lugar do amor (Feuerbach, 2022, p. 10).

O sal é, portanto, aquilo que emprega prazer ao ato de comer, uma comida sem gosto é também uma comida sem vida. A comida representa o sacrifício e nesse mesmo sentido, o sal simboliza o alimento sacrificado, sem ele não há sentido na comida, não há estímulo, o prazer da alimentação reside exatamente no sabor, no deleite, e este é potencializado pelo sal. Exatamente por isso o sal simboliza a comunhão dos homens ao representar muitas vezes o estabelecimento de pactos e alianças. Atribuíram-se propriedades místicas ao sal presente nos rituais de sacrifício, este teria por função acolher, abraçar e impedir tudo aquilo que toca da decomposição, disto surgiram os simbolismos atrelados ao uso de suas virtudes conservatórias, pelo uso do sal visa-se estabelecer uma aliança duradoura, fortificada e, além disso, suas propriedades purificadoras tornam este cristal branco em fonte de limpeza física e espiritual proporcionando ao alimento a qualidade própria ao consumo.

Contudo, “a mesa acompanha o sal, mas, a comida acompanha a mesa” (Feuerbach, 2022, p. 11), afirma Feuerbach nos demonstrando a evidente relação de indissociabilidade entre a comida e o sal para que assim não tropeçemos no erro de esquecer desta clara conexão, afinal, “as consequências perniciosas deste esquecimento encontram-se nos nossos teóricos do simbolismo que veem o saleiro no altar, a ‘mesa de Deus’ ou do senhor, mas não enxergam o prato que está ao lado, cheio de comida” (Feuerbach, 2022, p. 11). O significado por trás do sal e da comida repousam em seus sentidos fisiológicos, dentro de suas próprias naturezas, seus significados não escapam à realidade, não ultrapassam os limites do real para atingir o misticismo transcendente da teologia.

O escrito de Feuerbach é muito claro, o misticismo repousa inevitavelmente na natureza, nesse sentido suas manifestações e suas ritualísticas devem ser entendidas tendo por base o que podemos enxergar unicamente com os sentidos corporais, descarta-se toda crença que se proponha a negar a realidade material. É exatamente nesta perspectiva que é possível afirmar o sentido do sacrifício de comida e bebida no material sacrificado. O religioso diviniza a existência ao seu redor, este homem entende a realidade enquanto instância mística, antinatural, e então transpõe elementos cotidianos em elementos sobrenaturais fazendo da materialidade a faceta do divino:

Os homens estabeleceram a crença em deuses que eram idênticos aos homens na natureza e separados na existência. O sacrifício enfatiza um dos pontos de identidade, pois os homens sempre sacrificam aos deuses aquilo que eles próprios comem. Sacrifício significa alimentar os deuses; minimizar o aspecto gastronômico literal do sacrifício é perder o sentido (Cherno, 2022, p. 25).

Portanto, o sentido verdadeiro por trás deste fenômeno encontra-se exatamente na instância real da existência, seu sentido é puramente natural, fisiológico, portanto, humano.

1.1 *Sacrifício pagão e sacrifício cristão*

Costumeiramente a ritualística sacrificial é associada ao paganismo, pelo menos quando se trata do sacrifício clássico, o sacrifício de comida e bebida. Contudo, existem formas distintas de sacrifício adotadas sobretudo por cristãos na modernidade e que serão demonstradas nas linhas seguintes. Apontar esta distinção leva-nos a encarar um dilema: entende-se que não há diferença prática entre os distintos sacrifícios, seus objetivos permanecem os mesmos, visa-se estabelecer o contato com o sagrado e nesse sentido a resposta mais óbvia poderia ser a de que não há diferença alguma, porém, teoricamente existem distinções com relação aos instrumentos e as formas.

Disso é possível deduzir que não haveriam sacrifícios alimentares no cristianismo o que é essencialmente falso, a comida, o ato de absorver o alimento e o simbolismo por trás deste ato ainda estão presentes na ritualística cristã, entretanto, o sacrifício pagão voltou-se essencialmente para a comida, para as necessidades fisiológicas e, nesse sentido, a natureza encontra-se em primeiro plano, em contrapartida, para o cristão, e sobretudo o moderno, a prática de sacrifício assume outras formas, outros comportamentos, o cristianismo retira o foco da natureza e da fisiologia para assegurar o indivíduo transcendente enquanto ponto central.

Este distanciamento entre o paganismo greco-romano e o cristianismo é foco constante de análises na filosofia juvenil de Feuerbach, de fato, o homem cristão passa por um constante processo de separação da realidade natural, o estabelecimento da vida moderna longe de uma comunidade eclesiástica afasta-o cada vez mais de seus semelhantes⁴. Na introdução de seus *Pensamentos Sobre a Morte e a Imortalidade* (1830)⁵, Feuerbach já havia descrito esse afastamento entre o indivíduo, a comunidade e a natureza nas sociedades europeias como correlato ao desenvolvimento do cristianismo moderno: “O que é característico da era moderna é que nela o homem como homem, a pessoa como pessoa, e com isso o indivíduo humano isolado foi reconhecido por si mesmo em sua individualidade como divino e infinito” (Feuerbach, 1993, p. 64). O paganismo nas sociedades europeias pré-cristãs estabelece um modo de pensar que está inserido em um mundo natural, apesar de haver bases em um misticismo, não há uma completa

⁴ Um elemento crucial para a concretização da reforma protestante foi a retirada do poder eclesiástico, para o mundo medieval a instituição da igreja era o que garantia a união do todo social, contudo, a reforma põe o homem no centro da fé ao assumir que para a religiosidade não era necessária uma igreja. Com isso há uma individualização no seio da religiosidade, o homem já não necessita do todo social para professar sua fé, sua religiosidade encontra-se na sua própria singularidade.

⁵ O autor dedica a introdução do escrito de 1830 a construir uma linha do tempo que permita delimitar o pensamento europeu acerca da imortalidade partindo da antiguidade clássica à modernidade.

cisão entre o ser humano e o mundo natural⁶, exatamente por isso o homem pagão aceita a realidade como ela se apresenta, não há a necessidade de transpor esta por outra vida que o retire do plano material. Do contrário, o homem cristão busca subverter a natureza, a vida e a morte para ele não tem relevância já que sua real existência está resguardada fora dos limites naturais, sua fé não está pautada na matéria posta frente aos seus olhos, baseia sua fé e sua permanência neste mundo na exclusão do corpo pela alma.

O cristianismo entende o homem como distinto da natureza, tal processo somado ao domínio cristão no mundo medieval estabelece um escanteamento do paganismo tornando estes povos em bárbaros e incultos. O passo seguinte ao cristão é a busca pela purificação, para os cristãos sua fé não se iguala às demais, sua religião eleva-se frente às outras crenças assim como o homem cristão eleva-se frente aos demais homens. Feuerbach, referindo-se às palavras do Deus hebreu afirma que os fiéis “devem ser santos porque eu sou santo, isto é, não se maculem, pois, eu sou puro [...] vocês não devem tornar-se impuros, eu lhes proíbo, isto significa: não debes comer o que não como, o que abomino, aquilo com o qual não me misturo” (Feuerbach, 2022, p15). Chernó nesta mesma direção aponta que

Como o homem sacrifica aos deuses o que considera seus alimentos mais importantes, os sacrifícios revelam uma imagem de si mesmo às pessoas que os realizam. Assim, os povos bárbaros, que não conseguem ver além das suas necessidades fisiológicas básicas, sacrificam carne e sangue humanos. As pessoas mais civilizadas reconhecem que a vida vegetal e animal também tem a sua própria essência e transformam carne e sangue em, por exemplo, pão e vinho (Feuerbach, 2022, p. 27).

O distanciamento do paganismo greco-romano e do mundo antigo-medieval trouxe ao homem moderno mudanças práticas sendo a mais notória o distanciamento físico do divino e do natural o que garantiu a este homem uma resistência às crenças que anteriormente lhe fariam sentido, seu culto agora é destinado ao homem. A distinção física entre o divino e o humano foi objeto central dos cultos pré-cristãos o que, certamente, aproximou o humano do mundo natural, seu objeto de adoração estava em todos os lugares nos quais este homem pusesse seus olhos, contudo, o Deus cristão põe-se como exterior à existência natural, sua morada escapa aos limites naturais, transcende o real. Há no mundo moderno um rompimento entre aquilo que outrora fora

⁶ As religiões pagãs têm por característica a divinização da natureza, suas divindades costumemente representam elementos naturais como deuses dos mares, das chuvas, das florestas ou mesmo deuses representando elementos fisiológicos como a fertilidade. Deste modo, para os pagãos o divino encontrava-se inserido na própria realidade e cada elemento desta representava uma faceta de sua religião o que permitia ao homem um contato maior com a materialidade.

considerado o suprassumo do culto religioso: a aproximação entre a existência humana e a realidade natural⁷. Exatamente por isso a figura do divino também haveria de retirar-se da natureza, como afirma Feuerbach em sua *Essência do cristianismo*:

Deus paira sobre a moral como um ser distinto do homem, ao qual pertence o melhor, [446] enquanto que ao homem só se atribuem os restos. Todas as disposições que deveriam ser dirigidas para a vida, para o homem, todas as suas melhores forças, gasta-as o homem em proveito de um ser que não tem necessidade de nada. A causa real converte-se em meio sem importância, uma causa apenas representada, imaginária, converte-se numa causa verdadeira, real (Feuerbach, 2018 p. 329).

O cristão moderno encontra respaldo em uma religião que preza cada vez mais pelo indivíduo, sua fé já não se funda na integração dos indivíduos em uma comunidade⁸, a fé do homem moderno é a fé na pessoa, na alma singular, na transcendência particular, é, em todo caso, uma fé no eu e não no nós. A dinâmica da fé pagã é essencialmente oposta à cristã, o culto pagão fundamenta-se na inserção do homem na própria natureza, deste modo, o pagão encontra-se ligado à existência, na direção oposta, o cristão põe-se como superior, transforma valores que deveriam representar o gênero humano⁹ – ou a coletividade humana – em valores de uma figura singular. Sacrifica, portanto, a humanidade frente ao Uno.

Essa substituição da vida amparada na natureza pela divinização do indivíduo é uma das marcas que separam a fé pagã da fé moderna cristã, o distanciamento dos homens para com a natureza pode ser demonstrado pela modificação dos sacrifícios nestas sociedades:

Onde se oferecem a Deus cruéis sacrifícios humanos, tais sacrifícios são considerados como os mais elevados, e a vida sensível como o bem supremo. Por isso, em casos extraordinários, até se sacrifica a Deus a vida; crê-se demonstrar-lhe deste modo a honra máxima. E se o cristianismo, pelo menos nos nossos tempos, já não oferece sacrifícios sangrentos ao seu Deus, isso só deriva do facto de a vida sensível já não ser considerada como a vida suprema. Sacrifica-se a

⁷ Ao assumir a realidade material como caminho e não como fim, o cristão põe a natureza em segundo plano, no entendimento deste homem, a existência verdadeira dá-se fora dos limites naturais, portanto, dentro de sua fé há uma negação da realidade posta enquanto se afirma uma vida que se distancia da matéria. Do contrário, o pagão assume a natureza e a existência posta como fim em si mesma, não há uma necessidade de transcender os limites impostos pela natureza.

⁸ A vida nas sociedades greco-romanas baseava-se na ideia de uma comunidade centrada no estado que geria a vida de todos, no medievo esta função é delegada à igreja o que funda um senso de sociabilidade garantido por uma instituição exterior ao homem. Ao designar o homem como centro da fé, o cristianismo retira o senso de coletividade do indivíduo moderno, há um rompimento na relação de coletividade que outrora existia.

⁹ Feuerbach utiliza em sua filosofia o conceito biológico de gênero para designar a coletividade de homens. Utilizando-se deste termo, o autor pretende demonstrar como o cristianismo aloca qualidades que são constituintes do gênero humano para uma figura una e capaz de aglutinar toda a humanidade. Deste modo, onisciência, onipotência e onipresença são, em certo modo, qualificações possíveis ao conjunto de homens, mas que são alocados numa entidade que se posiciona acima do próprio homem. A proposta feuerbachiana é essencialmente afirmar o homem como criador e não mais como criatura sem para isso cair em um individualismo.

Deus a alma, a convicção moral, porque é esta que é considerada superior (Feuerbach, 2018, p. 330).

É perceptível a distinção entre estas duas culturas, os povos cristãos, entendidos pelo pensamento moderno europeu como dotados de uma moralidade avançada, colocam-se em outro patamar com relação aos demais homens ao determinar estes como bárbaros, sua realidade e suas crenças são resguardadas por uma pureza que é negada aos demais povos. Exatamente por isso o sacrifício cruento é retirado do seio da fé cristã e dá lugar aos sacrifícios incruento, sacrifícios que não envolvem necessariamente a alimentação, mas sim, o martírio individual, aquele que se manifesta no tempo dedicado à oração, o maior sacrifício para o cristão é exatamente a purificação do seu próprio corpo, ou seja, a renúncia pela vida natural.

Se para os povos ditos bárbaros a existência e a natureza eram bens inegociáveis, para os cristãos – e sobretudo os modernos – estas são meras inconveniências, não lhe interessa a vida como ela está posta, mas, sim, a vida como há de existir no sobrenatural, no paraíso. Nisso reside a distinção entre os sacrifícios, o pagão celebra a vida por meio do sacrifício, celebra a natureza e a fisiologia de seu corpo, o cristão, segue na direção oposta, sacrifica a própria existência, nega a vida ao sacrificar seu corpo. Para este homem, sua existência real encontra-se para além da própria realidade natural, sua vida adequada escapa à natureza e, deste modo, o sacrifício alimentar para o Deus cristão na modernidade não representa valor algum, para ele o verdadeiro sacrifício é a negação da vida, a negação das necessidades fisiológicas e, nesse caso, o jejum, o martírio do indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim sendo, o resgate de escritos pouco abordados nas academias de filosofia nos assegura a percepção de tópicos que, apesar de parecerem pontuais na bibliografia de Feuerbach, garantem-nos um acréscimo para a completa compreensão de sua antropologia filosófica. *O mistério do sacrifício* nos apresenta um escritor já maduro, próximo de seus sessenta anos e afastado das universidades alemãs nas quais outrora havia lecionado e recebido destaque por suas obras. É neste distanciamento dos centros urbanos e no contato com a natureza que o filósofo desenvolve boa parte de sua filosofia, a crítica à religião feuerbachiana só se faz possível através da percepção de que o homem é limitado pela dimensão espaço-temporal e, nesse sentido, pela natureza. O autor propõe-se a negar a antinaturalidade do *post mortem* cristão ao afirmar a existência natural enquanto única existência verdadeira e, deste modo, ao negar o paraíso afirma-

se a realidade material, afirma-se o homem feito de carne, ossos e também de necessidades fisiológicas.

Admitir a realidade como está posta é remover o véu místico do fenômeno religioso e aceitar a materialidade da existência humana. Ao apostar no materialismo como instrumento para este desvelamento, Feuerbach propõe-se a explicar cada aspecto da transcendência religiosa tendo por base unicamente a realidade natural posta frente aos seus olhos. Deste modo, explicar o rito de sacrifício torna-se mais um degrau no processo de diluição da religião pela natureza, portanto, o mistério do sacrifício, tal qual os demais segredos da fé, revelam-se na própria realidade.

REFERÊNCIAS

- CHERNO, M. *El hombre es lo que come de Feuerbach: una rectificación*. Trad. esp. Leandro Sánchez Marín e Pablo Uriel Rodríguez. Medellín, 2022.
- FEUERBACH, L. *A Essência do Cristianismo*. Trad. port. Adriana Veríssimo Serrão. 5 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2018.
- FEUERBACH, L. *A Karl Riedel. Para a retificação de seu esboço*. Trad. port. Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005.
- FEUERBACH, L. *El hombre es lo que come*. Trad. esp. Leandro Sánchez Marín e Pablo Uriel Rodríguez. Medellín: Ennegativo Ediciones, 2022.
- FEUERBACH, L. *Pensamientos sobre muerte e inmortalidad*. Trad. esp. José Luis García Rúa. Madrid: Alianza Editorial, 1993.
- HOMERO, *Ilíada*. Trad. port. Frederico Lourenço. 6 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2018
- HOMERO, *Odisseia*. Trad. port. Frederico Lourenço. 7 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2018
- HYMERS, J. *In defence of Feuerbach's Moleschott reception: Feuerbach's open dialectic*. Nova York, 2006.
- TOMASONI, F. *Ludwig Feuerbach: L'uomo e la sua alimentazione*. Trad. esp. Leandro Sánchez Marín. Vercelli, 2021.

Recebido em: 25/10/2023.

Aprovado em: 21/02/2024.